Dia 23 — São Simeão Estilita, o Moço

São Simeão Estilita, chamado o Moço para distingui-lo do outro mais antigo, cujo nome lhe puseram no batismo e cujos exemplos emulou em sua penitência, nasceu em Antioquia no ano de 521, onde seu pai, chamado João, que era natural de Edessa, havia fixado seu domicílio, sendo mercador de bálsamos e drogas aromáticas. Teve por mãe uma mulher moça e virtuosa chamada Marta, a qual, achando-se grávida e fazendo fervorosa oração a Deus em certa capela dedicada a São João Batista, teve uma espécie de revelação em que se lhe deu a entender que muito logo daria à luz um filho cuja elevada santidade e penitente vida o faria grande diante dos olhos do Senhor; prognóstico que tardou pouco em verificar-se, porque Simeão desde a mesma meninice manifestou não tomar gosto a outra coisa que ao jejum e à abstinência.

Aos cinco anos perdeu seu pai, com a desgraça de ficar este sepultado nas ruínas de sua casa por um terremoto que lançou por terra toda a cidade de Antioquia; e, achando-se nosso santo com sua mãe na capela de São João Batista, foram preservados da desgraça comum.

Distinguiu o céu sua meninice com tão singulares favores que todos reconheciam que se ia criando um grande santo naquele terno infante. Apenas contava doze anos quando pensou seriamente em retirar-se a um deserto para dedicar-se a vida mais perfeita. Naturalizou-se tanto com o jejum, e era tão escasso seu alimento, que parecia viver de milagre. Por seus escritos contra os hereges se conhece que a mãe não se descuidou de sua educação; senão que digamos que seu natural engenho e a luz sobrenatural do céu supriram a falta dos mestres.

Lisonjeava-o o mundo com grandes esperanças; mas, desprezando-as generosamente seu coração, retirou-se dele quando outros apenas começam a conhecê-lo; nem foram capazes de alterar suas resoluções as ternas persuasões nem as amargas lágrimas de sua querida e desconsolada mãe. Não duvidando de que a vocação de Deus o chamava ao retiro da solidão, sem fazer-lhe força seus poucos anos, saiu da cidade e encaminhou-se a um mosteiro da Síria, colocado ao pé do monte Taumástoro, que quer dizer Monte admirável. Era pouco numeroso o mosteiro pela extraordinária austeridade que se professava nele, a qual não acovardou o menino Simeão, que pediu o hábito de monge com as mais vivas instâncias. Representaram-lhe as rigorosas penitências que se faziam naquela casa, seus poucos anos e a debilidade de sua compleição; mas a tudo respondeu que o Senhor o chamava poderosamente a ela, que as forças de sua divina graça supririam as que faltavam à natureza e seriam muito superiores às que não tinha sua idade. Mostrou tanta ingenuidade e tanto juízo em suas respostas; descobriu-se tanta virtude em seu porte e conheceu-se tão clara e tão assinalada sua vocação que foi admitido entre os religiosos e entregue à direção de um monge, varão de assinalada virtude e de espírito muito penitente. Chamava-se João, o Estilita, porque ordinariamente vivia sobre uma coluna elevada dentro do recinto do mosteiro;

gênero de penitência que se fez muito comum em várias partes e de que singularmente a Síria pôs aos olhos do mundo muitos exemplos.

Era muito conforme à inclinação do discípulo o espírito severo do diretor, e em breve tempo deixou muito atrás o diretor a rigorosa penitência do discípulo. A princípio só se sustentava de legumes demolhados num pouco de água, e até este escasso sustento não o tomava senão de dois em dois dias; depois provou passar três dias sem sustento algum e ao cabo chegou a não comer mais que uma só vez em toda a semana. Empregava em oração a maior parte do dia e da noite, continuando-a ainda mais que interrompendo-a o restante do tempo com o trabalho de mãos e com a leitura de livros piedosos. Notava-se-lhe sempre unido com Deus, sendo o melhor testemunho dos espirituais consolos que gostava seu coração aquela perpétua alegria que se derramava em seu semblante. Era jovem bem disposto e, como a isso se juntava aquela modéstia natural, aquela cara sempre risonha e aquela serenidade inalterável, fazia-se admirar de todos; por outra parte sua extraordinária virtude, sua profunda humildade e sua penitente vida o fizeram tão respeitável que apenas se falava em todas as partes de outra coisa que de sua rara santidade.

Invejoso o inimigo comum, não poupou meio algum para perdê-lo. Pôs na cabeça de um pobre pastor daquelas cercanias que aquele monge que fazia tanto ruído era um grande hipócrita e um malvado, preocupando-lhe tanto a imaginação com este diabólico conceito que o infeliz tomou enfim a resolução de tirar a vida ao santo moço; mas, apenas pegou na mão uma faca para pôr em execução seu aleivoso intento, secou-se-lhe a mão de repente, ficando o braço tão sem vigor e tão descarnado que só se via o osso coberto da pele encolhida e enrugada. Atônito o miserável pastor correu exaltado ao abade do mosteiro; e, explicando-se mais com lágrimas que com vozes, descobriu-lhe como pôde seu delito. O abade, que tinha bem conhecida a virtude de nosso santo, levou-o a sua cela e, arrojando-se a seus pés, confessou seu pecado, pedindo-lhe humildemente perdão e que com suas orações lhe alcançasse de Deus não menos a saúde da alma que a do corpo. Enternecido Simeão e compadecido ao mesmo tempo, lançou os braços ao pescoço e estreitou docemente nos seus o aflito pastor, sanando-o e convertendo-o com seu milagroso abraço.

Crescia com a idade o ardente desejo de mais e mais perfeição; e, parecendo a nosso santo que ainda o chamava Deus a vida mais penitente, mais retirada e de maior recolhimento, comunicou estas inspirações com seu santo diretor, com cuja aprovação e licença fez levantar uma coluna dentro dos muros do mosteiro, sobre a qual se manteve sessenta e oito anos à inclemência de todos os temporais, em contínua contemplação das verdades mais sublimes de nossa religião e em assombroso exercício da mais portentosa penitência.

Era muito alta sua coluna, mas tão estreita que só lhe permitia estar de pé ou de joelhos, colocada diante da de seu diretor para não caminhar sem guia e para ter sempre à vista uma testemunha fiel e zelosa de suas operações. Era cada dia mais rigoroso seu jejum, sustentando-se já unicamente com as folhas dos arbustos ou matagais que nasciam ao redor do monte; e raríssima vez bebia. Cingiu-se tão fortemente uma corda a todo o corpo que, afundada nas carnes e inchando-se estas horrorosamente, todo ele era uma só chaga, manando dela tanto podre que se fazia intolerável seu pestilencial odor e apenas havia quem tivesse valor para aproximar-se. Mandou-lhe o diretor que tirasse aquela corda; obedeceu, mas para maior tormento seu; porque

não se pôde arrancar sem cortar-lhe grandes pedaços de carne, que lhe causaram imponderáveis dores.

Todas as noites cantava todo o saltério e muitos salmos durante o dia, acompanhando-os com genuflexões e com outras várias orações. Não podia menos de ser muito agradável a nosso Senhor uma vida tão pura como penitente; premiando-lhe sua liberalidade com mil consolos celestiais e com o dom de milagres.

Desenfreado todo o inferno junto contra nosso santo, lançou o resto sua malícia para atemorizá-lo ou para perdê-lo. Uma noite excitou o demônio uma tempestade tão terrível que todos o creram ou abrasado por um raio ou sepultado entre as ruínas de sua mesma coluna; mas artifícios tão grosseiros não podiam acovardar tão valoroso soldado. Pela manhã o acharam tão sereno como se não tivesse havido semelhante tempestade; e depois desta vitória só seu nome era terror dos espíritos malignos. Ainda fez outro esforço o tentador para derrubar sua constância e excitar sua paciência, inquietando-o com sujas tentações; mas sem outro fruto que o de purificar sua virtude e acrescentar graus a seus merecimentos. Enquanto durou este molesto combate ouvia-se-lhe pelas noites dirigir incessantemente ao céu estas orações jaculatórias: *Miserere mei, Deus, miserere mei; quoniam in te confidit anima mea* (Sl 56): tem misericórdia de mim, Deus meu, tem misericórdia de mim, porque minha alma tem posta em ti sua confiança. *Sub umbra alarum tuarum sperabo:* esperarei, Senhor, protegido à sombra de tuas asas; *Deus meus, ne longe recedas a me* (Sl 16): Deus meu, não te afastes longe de mim. *Deus, in adjutorium meum intende: Domine, ad adjuvandum me festina* (Sl 69): vinde, Senhor, a ajudar-me, e dai-vos pressa em socorrer-me.

Depois de havê-lo purificado o Senhor com todo gênero de provas, cumulou-o de graças e de favores. Comunicou-lhe um dom de contemplação tão elevado que sua oração era um êxtase contínuo, e nestas íntimas familiaridades que tinha com seu Deus adquiriu aquele superior conhecimento e aquela como penetração dos mais altos mistérios de nossa religião. No dom de milagres poucos santos lhe fizeram vantagens. Só ao nome de Simeão se amansavam as feras, e nada negava o Senhor à oração deste taumaturgo.

Animado de um ardente zelo pela salvação das almas, acompanhava todas as curas milagrosas com tão vivas exortações que fez conversões insignes, e não foram estas o menor de seus milagres.

Movidos de tantas maravilhas, o patriarca de Antioquia e o bispo de Selêucia vieram visitá-lo. Foram testemunhas oculares dos prodígios que publicava a fama; e, considerando os grandes bens que resultariam à Igreja de Deus se aquele extático e portentoso varão fosse consagrado ao ministério dos altares, apesar de sua humilde resistência conferiram-lhe as sagradas ordens, e pouco depois o bispo de Selêucia o promoveu à dignidade do sacerdócio.

Com ela parece como que adquiriu novo resplendor sua virtude, servindo-lhe de estímulo para aumentar seus rigores e de motivo para dar maior extensão aos ardentes impulsos de seu zelo. Não se contentando com pregar e exortar de viva voz os que concorriam a vê-lo, escrevia muitas cartas aos ausentes do alto de sua coluna. Entre outras escreveu uma ao imperador Justiniano, animando-o a que defendesse vigorosamente a honra das imagens de Cristo, da Virgem e dos santos e exortando-o a que empregasse toda a sua imperial autoridade em reduzir os hereges.

Como os samaritanos que habitavam em Porfireon, na Palestina, tivessem lançado por terra algumas cruzes, abatendo e ultrajando as imagens de Cristo e de sua Mãe, a quem nosso santo professava a mais terna e mais ardente devoção, o bispo daquela diocese lhe suplicou que desse suas queixas ao imperador. Escreveu-lhe uma carta cheia de fogo, representando-lhe que, dirigindo-se imediatamente a Cristo e aos santos o culto que se lhes rende em suas imagens, o ultraje que se faz a estas se refunde diretamente naqueles; e lhe suplica que vingue religiosamente sua honra, castigando o sacrilégio dos samaritanos, posto que, se as leis civis mandam castigar com rigor os que perdem o respeito às estátuas e aos retratos do César, não parece justo que fiquem sem castigo os que tão impiamente o perderam às imagens do Filho de Deus e de sua santíssima Mãe. A esta carta chamava o imperador seu tesouro e mais de duzentos anos depois foi de grande peso no segundo concílio ecumênico de Niceia. Os iconoclastas intentaram convencê-la de supositícia, mas o papa Adriano I fez demonstração ao imperador Carlos Magno de que era verdadeira, e no mesmo convinha todo o Oriente.

Também escreveu nosso santo ao mesmo imperador contra os erros de Nestório e de Êutiques; cuja extirpação solicitou com o maior zelo em todas as ocasiões. Além das cartas que escreveu em defesa das imagens e contra as heresias, compôs São Simeão outras obrinhas espirituais, em todas as quais se faz visível que o mesmo Deus foi seu principal mestre.

Tendo-o favorecido Deus com o dom de profecia, soube muito antecipadamente o dia de sua morte; e, mandando convocar os religiosos do mosteiro, que todos se professavam seus discípulos, depois de encomendar-lhes muito a pontualidade e mais exata observância de suas regras, declarou-lhes que, entre as muitas graças com que a liberal mão do Senhor o havia favorecido desde sua mais terna infância, singularmente lhe havia comunicado uma que já era tempo de manifestar-lha a todos, o que fazia de muito boa vontade, porquanto não ignorava que havia excitado a curiosidade de muitos fazendo-se-lhes incompreensível. «Sendo menino, disse-lhes, pedi a Deus muito deveras que me livrasse da necessidade de comer, e tive uma visão. Apareceu-me um varão vestido de sacerdote, que levava na mão um prato cheio de viandas requintadas: provei-as, e desde então não tive necessidade de comer. Todos os domingos ao fim da missa se me repetiu a mesma visão; e vedes aqui por que me tenho sustentado com tão curto alimento.»

Enfim, aos 75 anos de sua idade, no dia 24 de maio, rodeando-o todos os seus irmãos, entregou o servo de Deus seu espírito ao Criador com aquela tranquilidade e com aquela alegria que é como a aurora da glória que os bem-aventurados gozam no céu.

São João, Presbítero

Neste dia se faz comemoração, no martirológio romano e em outros muitos, de São João, presbítero, com a expressão de que padeceu martírio em Roma no tempo do ímpio Juliano, o Apóstata, pelos anos 362, segundo escreve Barônio em seus anais. Mas, não constando com certeza a existência de suas relíquias em alguma das igrejas de Roma, onde foi enterrado na via Salária, este tem sido o motivo de opinar com variedade acerca delas os escritores. Alguns são de

sentir que a cabeça que se conserva na igreja de São Silvestre no Campo de Marte é deste ilustre mártir, e não de São João Batista, como outros querem. Tamayo Salazar, em seu martirológio espanhol, diz que entre as relíquias concedidas aos padres trinitários descalços por Sua Santidade Urbano VIII para que enriquecessem os conventos de sua ordem foram umas as deste célebre presbítero, o que duvidam os padres bolandistas, fundados no documento da doação que o mesmo Salazar traz à letra no dia segundo de março, no qual com efeito não se faz expressão das de São João, como das de outros santos.

Martirológio Romano

A vigília de São João Batista.

Em Roma, São João, presbítero, que foi degolado sob Juliano, o Apóstata, na antiga via Salária, diante do ídolo do Sol, e cujo corpo foi enterrado pelo bem-aventurado presbítero Concórdio, perto do lugar chamado Concílios dos Mártires.

Também em Roma, sob o imperador Valeriano, Santa Agripina, virgem e mártir, cujo corpo, levado à Sicília, é célebre por grande número de milagres.

Em Sutri, na Toscana, São Félix, presbítero, a quem o prefeito Turcio mandou tirar a vida a pedradas sobre a boca.

Em Nicomédia, a comemoração de muitos santos mártires que, tendo sido descobertos no tempo de Diocleciano nas grutas onde estavam escondidos, padeceram gozosos o martírio pelo nome de Jesus Cristo.

Em Filadélfia, na Arábia, os santos mártires Zenão e Zenas, seu escravo, que, beijando as cadeias com que seu amo estava agrilhoado, suplicando-lhe que o admitisse à participação de seus tormentos, foi preso pelos soldados e recebeu pelo martírio uma mesma coroa com seu amo.

Na Inglaterra, Santa Etelreda, rainha e virgem, que morreu no Senhor, célebre por sua santidade e milagres. Onze anos depois foi achado seu corpo ainda incorrupto.

Perto de Transillac, perto de Guéret, nos confins do Berry e da Marche, São Lupicino, recluso, de quem faz menção Gregório de Tours.

Em Dijon, São Jacó, bispo de Toul, cujo corpo se acha na igreja de São Mansuy da mesma cidade. Em Lobbes, São Hidulfo, duque de Bins.

Em Ancira, na Galácia, os santos mártires Eustóquio, presbítero, e companheiros sob Maximiano Galério.

Em Constança, na ilha de Chipre, os santos mártires Aristocles, presbítero, Demetriano, diácono, e Atanásio, leitor, sob o mesmo imperador.

Missa (oração)

A missa é da dominga precedente, e a oração é a que se segue:

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Simeonis confessoris tui annua solemnitate lætificas: concede propitius, ut cujus natalitia colimus, etiam actiones imitemur. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a festividade do bem-aventurado Simeão, vosso confessor, concedei-nos que imitemos os exemplos daquele cujo nascimento à glória celebramos. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do apóstolo São Paulo aos Efésios.

Efésios 5,3-7

> **Latim:** 3 Fornicatio autem, et omnis immunditia, aut avaritia, nec nominetur in vobis, sicut decet sanctos : 4 aut turpitudo, aut stultiloquium, aut scurrilitas, quæ ad rem non pertinet : sed magis gratiarum actio. 5 Hoc enim scitote intelligentes : quod omnis fornicator, aut immundus, aut avarus, quod est idolorum servitus, non habet hæreditatem in regno Christi et Dei. 6 Nemo vos seducat inanibus verbis : propter hæc enim venit ira Dei in filios diffidentiæ. 7 Nolite ergo effici participes eorum.

Português: 3 Por tanto a fornicação, e toda a impureza ou avareza, nem se quer se nomêe entre vós-outros, como convem a santos: 4 nem palavras torpes, nem loucas, nem chocarrices, que são impertinentes: mas antes acções de graças. 5 Porque haeveis de saber, e entender: que nenhum fornicario, ou immundo, ou avaro, o que he culto de idolos, não tem herança no reino de Christo, e de Deos. 6 Ninguem vos seduza com discursos vãos: porque por estas cousas vem a ira de Deos sobre os filhos de incredulidade. 7 Não queirais logo nada com elles.

Nota

«Como São Paulo havia trabalhado com um zelo infatigável na conversão dos de Éfeso, sempre lhes conservou em seu coração um amor e uma ternura particular. Estando em Roma no ano de 62 de Cristo, escreveu-lhes esta epístola, na qual se compendia toda a vida cristã.»

Reflexões

Depois de haver lido o que São Paulo escreve aqui aos efésios, haverá ainda quem pergunte seriamente que pecado é passar a vida entre os regalos, entre as diversões e entre os passatempos? Que pecado é assistir aos espetáculos? Onde proíbe o Evangelho as diversões profanas? A isto se responde que todo o Evangelho é uma manifesta condenação delas. Certamente, ainda quando se despojasse o teatro daqueles artificiosos atrativos em que consiste seu principal enlevo e que fazem tanta impressão na alma, não se pode negar que tudo o que compõe o espetáculo conspira a excitar as paixões; tudo o que constitui esta profana diversão com tanta lisonja dos sentidos é laço que se arma à virtude. Que pudor tão delicado, que inocência tão austera, exposta sem preservativo ao mais contagioso ar do mundo, no meio de uma multidão de objetos a qual mais tentadores, sendo o alvo e estando descoberta a uma espessa chuva de flechas a qual mais envenenadas, poderá escapar sem milagre de sair mortalmente ferida? E que direito terá para pedir um milagre o que livremente vai meter-se em semelhante perigo? Se a mais consumada virtude, se a inocência mais arraigada, se a mais rígida penitência, se um anacoreta esqueleto, criado toda a vida numa caverna ou numa sepultura da Tebaida, concorresse a estes espetáculos, tudo arriscaria; e aquele coração terno, regalado, criado entre delícias e meio corrompido nos quer persuadir que é insensível a tantos incentivos! Mas, meu Deus, a que fim havemos de buscar fora dos mesmos espetáculos outras razões para condenar semelhantes passatempos?

Uma grande sala aonde concorre toda a gente ociosa, alegre e até dissoluta de uma cidade, os mais de costumes estragados e muito contados os de boa vida; uma concorrência onde cada um se apresenta com toda profanidade, com toda a bizarria que pode; onde tudo embeleza, tudo brilha; onde os jovens de um e outro sexo empregam o mais fino, o mais requintado que inventou o estudo e o artifício, para que uns aos outros se pareçam bem e para tentar-se reciprocamente. Um pátio de comédias, cujos camarotes estão cheios de escolhos tanto mais perigosos quanto mais cobertos, onde os olhos podem juntar de uma só vez muitos objetos a qual mais dignos de temer-se; a estes mudos perigos se acrescenta o doce e pegajoso veneno das conversações demasiadamente ternas ou demasiadamente livres, porque em semelhantes sítios não se dá lugar a outra linguagem. E que direi do grande perigo a que expõe a mesma fatal necessidade de que as conversações hajam de ser secretas ou em voz baixa por não estorvar a atenção dos demais? Pergunto: não é querer zombar dos timoratos e dos prudentes, tendo-os por estúpidos ou por idiotas, o empenho de persuadir-lhes que não há perigo, que tudo é inocente em semelhantes espetáculos?

Contudo, estes não são mais que os funestos prelúdios das conquistas que fazem as paixões nesta classe de passatempos. Neles todas as coisas concorrem a enternecer o coração, a tentá-lo e a pervertê-lo. Até a luz natural do sol, por ser demasiadamente pura e clara, parece que incomoda; e assim é mais do gosto e mais da moda dos espetáculos a luz artificial e débil dos candelabros ou das velas. Entram desde logo a preocupar os sentidos as decorações, as vozes e os instrumentos; e, postos aqueles de acordo com as paixões, como é possível que deixem tranquila a alma? Empregam-se em derretê-la, em movê-la e em embelezá-la o mais delicado da música, o mais terno da harmonia, o mais patético da composição e toda a doçura que pode comunicar a arte à voz e aos instrumentos. Fixa os olhos a magnífica decoração; arrebatam o ânimo as máquinas do teatro; suspende-o o desenlace dos lances, e fica preocupado quase sem reflexão para prevenir-se contra as surpresas. Nesta disposição de todos os sentidos, ou ganhos ou cativos, e nesta constituição do coração, tão propenso já a deixar-se cativar, deixam-se ver de repente no teatro os atores e as atrizes adornadas com todo o artifício que soube inventar o mais engenhoso e mais fino espírito do mundo para prendar e para seduzir, acrescentando ao artifício tudo o que pode inspirar a paixão que representam e sentem. E, como a paixão dominante do teatro é o amor, é fácil discorrer a que fim se dirigem aquelas queixas amorosas, aquelas relações ternas, e mais representadas por umas mulheres moças, formosas de ordinário, dedicadas a tão perigoso ofício menos por necessidade que por inclinação à liberdade e ao desafogo, cuja maior glória consiste em agradar, assalariadas ou gratificadas para inspirar com viveza a paixão que representam; e tudo com uma voz doce e pegajosa e com um ar brando e lisonjeiro; com mil movimentos livres, misturados de palavras ternas, de versos envenenados, compostos com o maior artifício para inspirar o amor e recitados por umas cortesãs que, ainda sem falar palavra, se valem da arte, da profanidade e do embuste para armar laços à inocência. Este prodigioso conjunto de artifícios e de incentivos, o menor dos quais, considerado separadamente, seria uma perigosa tentação, é possível que no ditame dos mundanos haja de ser um passatempo indiferente, uma inocente diversão? E poderá alguém ser bom cristão discorrendo desta maneira!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 9 de São Marcos (o OCR traz «cap. 11»).

Marcos 9,42-45

> **Latim:** 42 Et si scandalizaverit te manus tua, abscide illam : bonum est tibi debilem introire in vitam, quam duas manus habentem ire in gehennam, in ignem inextinguibilem, 43 ubi vermis eorum non moritur, et ignis non extinguitur. 44 Et si pes tuus te scandalizat, amputa illum : bonum est tibi claudum introire in vitam æternam, quam duos pedes habentem mitti in gehennam ignis inextinguibilis, 45 ubi vermis eorum non moritur, et ignis non extinguitur.

Português: [42] E se a tua mão te escandalizar, córta-a: melhor te he entrar na vida eterna máanco, do que tendo duas mãos ir para o inferno, para o fogo que nunca jámais se apaga: [43] onde o bicho que os róe nunca morre, e onde o fogo nunca se apaga. [44] E se o teu pé te escandaliza, córta-o: melhor te he entrar na vida eterna coxo, do que tendo douis pés ser lançado no fogo do inferno, que nunca jámais se apaga: [45] onde o bicho que os róe nunca morre, e onde o fogo nunca se apaga.

Meditação

Das ocasiões voluntárias do pecado

Primeiro ponto

Considera que sempre se deve temer a ocasião de pecar, ora se busque, ora não se busque. Conhecendo-se a inclinação que todos temos ao mau; à vista da desordem da concupiscência, do atrativo dos objetos e da impressão que fazem na alma; refletidas bem nossas reincidências, nossa debilidade e nossa fraqueza, quem não temerá quando se acha na ocasião? Temeram e tremeram os santos quando o acaso, a necessidade ou a malícia do demônio os meteu em alguma; não tiveram por alheio a seu espírito nem a seu valor o pôr-se pálidos à vista de um perigo em que não se tratava menos que de perder a alma e de perder a seu Deus. Ainda nos mesmos desertos não se consideravam bastantemente desviados das ocasiões; levantaram colunas para perder de vista os homens, por explicar-me desta maneira. Mas, quando se busca a ocasião, é muito mais digna de temer-se: «O que ama o perigo perecerá nele» (Eclo 3), diz o Espírito Santo.

Não buscou Davi a ocasião e, no meio disso, um objeto perigoso que, sem pensar nele nem tê-lo tratado jamais, se lhe pôs à vista transtornou aquele grande santo. E será possível que não hajam de fazer a menor impressão na alma, não hajam de pôr em perigo a inocência os mais tentadores objetos todos juntos, que de propósito se vão buscar e aos quais te expões voluntariamente e tão de assento? Mudou-se porventura o coração do homem? Não nascem com ele as paixões? Estão confirmados em graça todos aqueles que correm apressadamente a meter-se em tão espantosos perigos? «Mais de sessenta anos há (dizia um venerável ancião que havia envelhecido no deserto), mais de sessenta anos há que estou macerando minha carne, que trabalho sem cessar em domar meu corpo com o jejum, com o cilício e com as mais vigorosas penitências, e ainda reconheço dispostas minhas paixões a acender-se com a centelha do menor perigo; e uns moços com as paixões extremamente vivas, com uma virtude ou muito fraca ou talvez nenhuma, com os sentidos imortificados, naturalmente propensos ao pior, com as inclinações viciosas, estragado o espírito e o coração; uns moços para quem tudo é perigo, tudo tentação, vão serenamente buscar as ocasiões mais tentadoras, expõem-se a todos os perigos, correm apressadamente aos espetáculos.» Mau é não conhecer sua fraqueza; mas é mais digno de lástima aquele que, conhecendo o precipício, corre a ele e não o teme.

Segundo ponto

Considera que o meter-se voluntariamente na ocasião é pecado mortal. Suponhamos (o que não é verossímil) que não se beba o veneno que se prepara; a mesma preparação bastou para envenenar. Grande erro é lisonjear-se alguém, e até chegar a persuadir-se, que pode estar mão a mão horas inteiras com aquela pessoa, assistir tardes e noites às concorrências mundanas e perigosas, fixar voluntária e curiosamente os olhos em objetos lascivos ou provocativos, ler muito de propósito livros perniciosos, assistir com ânsia e com gosto a todo gênero de espetáculos e persuadir-se, volto a dizer, de que nada lhe remorde a consciência e de que em nada houve pecado. Buscam-se estas ocasiões porque se encontra gosto nelas; o coração, de acordo com os sentidos, intenta satisfazer-se; porque falemos claro: concorre-se a elas para mortificar-se, para domar as paixões, para fazer-se violência a si mesmo? Poderá dizer alguém que só são umas inocentes diversões do ânimo, nas quais não tem parte o coração? Lastimosa saída! Quem poderá prometer-se grandes vitórias em umas ocasiões que precisamente busca para ser vencido? Se apenas há forças para resistir à natural inclinação que arrasta para a ocasião de pecar, como será possível, metido já na mesma ocasião, resistir à violenta inclinação que empurra poderosamente para o mesmo pecado; e mais achando-se já atacado o coração por todos os atrativos que o acompanham? O que não se pode ter em pé sobre a borda do precipício quando nenhum o empurra, como se terá posto já no despenhadeiro, impelido com a presença do objeto, impetuosamente movido pela paixão e solicitado vivamente por mil poderosos incentivos? De boa-fé, poderá nenhum homem de razão persuadir-se, a menos que se queira cegar ou aturdir voluntariamente, de que não há pecado algum em buscar muito de propósito as ocasiões de pecar? Deixará de ser temeridade meter-se por gosto e sem necessidade num mar tempestuoso, rodeado de escolhos, onde naufragaram milhares de milhares? Não se atreveriam a expor-se os pilotos mais destros e experimentados; e entram nele sem medo nem apreensão os que se deixam levar à mercê das ondas e dos ventos. Parece que os naufrágios só se fizeram para os cautos e para os prudentes, quando os desatinados e os dissolutos se consideram seguros no meio das borrascas. Digamo-lo sem rebuço: um corpo morto nada sente; o demônio tenta pouco uma alma perdida, porque ela mesma se tenta sobradamente a si própria; a que fim há de dar novos assaltos a uma praça que já está rendida? Dizem que esses objetos lhes fazem pouca ou nenhuma impressão porque estão acostumados a eles. Isto quer dizer, em bons termos, que, acostumados já a consentir no pecado, nem os espantam nem lhes fazem novidade aquelas ações que já são ordinárias e familiares neles. Quando a consciência está gangrenada, não sente a culpa; mas a uma consciência sã só sua sombra a estremece.

Espantado estou, Senhor, e gemo intimamente ao lembrar-me das ocasiões em que me meti e da funesta segurança com que me mantinha no meio delas. Bem vedes, Deus meu, a disposição em que meu coração se acha no presente; dai-me graça para que meus propósitos sejam eficazes e para que nenhum motivo humano seja capaz de expor-me às ocasiões de pecar.

Jaculatórias

> *O Domine, libera animam meam.* Sl 114.

Oh Senhor, livra minha alma de toda ocasião de perder-te.

> *Ecce elongavi fugiens, et mansi in solitudine.* Sl 54.

Resolvido estou, Senhor, a retirar-me do mundo, a esconder-me na solidão por fugir dos perigos.

Propósitos

1. «O que ama o perigo perecerá nele», diz o Sábio. Vã e até injustamente se lança a culpa ao tentador e à tentação; pouca necessidade tem o demônio de seus artifícios e não há mister cansar-se muito para pervertermos; mais almas têm no inferno as ocasiões de pecar em que voluntariamente se puseram elas mesmas que as mais violentas tentações; nem todas as máquinas do tentador são capazes de condenar. Convêm todos em que o mundo todo é perigo: objetos, modas, trajes, jogos, reuniões, diversões, conversações e até o espírito do mesmo mundo, todos são laços. E, no meio disso, expõem-se a eles, correm a eles e neles passam os mundanos a maior parte da vida, sem temor, sem preservativos, com o espírito já vencido, com o coração estragado, contentando-se com dizer em tom lastimoso: «Muito dificultoso é salvar-se um homem no mundo; Deus se apiade de nós.» Prepara-se o veneno com cuidado; vai-se bebendo a goles ou a tragos; e depois muitas queixas de que é curta a vida, de que morre a gente no melhor da idade, de que Deus nos dá pouca saúde. Aproveita-te da loucura de tantos outros e talvez também da tua mesma; tem horror a tudo quanto te possa ser ocasião de pecar e estremece neste particular até da mesma dúvida. Nunca digas: «Vi-me em tal ocasião e não caí.» Nem todos os venenos causam convulsões ou inquietações; os mais perniciosos são aqueles que menos se sentem. Basta que a pessoa, que a concorrência, que o lugar seja ocasião próxima de pecar para que efetivamente se peque só com pôr-se nela. Foge de tudo o que pode vulnerar a inocência; foge de tudo o que tem assomo de perigo; foge de tudo o que pode servir-te de tropeço; foge de tudo o que tenta ou te pode tentar.

2. Por mais que o mundo queira justificar seus usos, suas modas, suas diversões, seus pretextos de atenção, de boa criação, de decência, engano, ilusão, erro: governa-te por princípios mais cristãos e não te deixes alucinar voluntariamente. Está o mundo semeado (é verdade) de ocasiões, de perigos de pecar; mas em tua mão está evitá-los. Ocasiões muito perigosas são os espetáculos, os bailes, os saraus; essas casas de jogo públicas, essas tabuladas, onde concorrem todos os ociosos e toda a gente livre do povo; essas tertúlias, de onde está desterrado para sempre o espírito do cristianismo; essas longas, estudadas, cultas e cortesãs conversações com pessoas de diferente sexo; essa leitura de livros galantes ou suspeitos em matéria de religião; certos berloques, certas alfaias que reciprocamente se presenteiam entre si certas pessoas; certos livros e certas pinturas que são muito próprias para avivar a paixão; certas visitas, certos dias de campo: um convite, um

lanche, uma pessoa podem ser para ti ocasiões de pecar; foge delas, corta-as sem dilação, custe-te o que te custar. Poucos pecados há que mais mereçam o castigo, nem que pareçam menos dignos de misericórdia, que aqueles cuja ocasião se busca livre e voluntariamente.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:32 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:33 by Admin